

INTERRUPÇÃO E REFORMULAÇÃO NA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA, PRÁTICA DE PODER?

M. Emília PEREIRA¹

RESUMO

Os trabalhos iniciais de Labov deram a ver a conceção de heterogeneidade ordenada a partir da ideia de que a sociedade em que uma dada língua era meio de expressão era constituída por diferenças de idade, género e rendimento, que se repercutiriam nas atualizações particulares de itens formais dessa mesma língua. Estes poderiam ser obtidos em interações rápidas, espontâneas e abaixo do nível de consciência, automáticas, portanto. As experiências dos armazéns de NI assim permitiram quantificar diferentes sons, indicadores de registos, na aceção sociolinguística que diz que não são variantes livres, mas signos indexicais sociais as produções de normas tidas por vernaculares ou prestigiantes. Se a sociolinguística variacionista toma por objeto a fala vernacular ou espontânea, obtida sob entrevista de que constam perguntas, oportunamente introduzidas pelo linguista para uma menor monitorização do falante, a perspetiva comunicacional, que releva o papel do contexto, considera já a fala nas circunstâncias em que ela se inscreve, como interação. A tradição norte americana tem Hymes por precursor. Gumperz traz convenções de notação próprias às especificidades da comunicação verbal, feita de sobreposições, de elipses e de reformulações, que se traduzem em aparentes desarticulações sintáticas. Estas, quando descritas pela pragmática, são sequências vistas em função de interrupções eventuais em que as imagens dos interlocutores, designadamente, influem. O fluxo interacional é visto ser determinado, portanto, por sequências formais – haja em vista a extensão, como critério que o estudo pretende objetivar.

PALAVRAS-CHAVE: entrevista sociolinguística; interrupção discursiva, pragmática; linguística de texto/discurso; reformulação textual

*Disse-me que, durante esse tempo, as palavras tinham sido o que acreditava.
Depois, suspendeu um olhar calado. Eu, porque não sabia o que dizer-lhe,
disse estou bem. Ela sabia que queria falar comigo, mas também não sabia o*

¹ UM, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal, memilia@ilch.uminho.pt. Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009.

que dizer, e disse se puder ajudá-lo em alguma coisa, e deixou a frase incompleta.

José Luís Peixoto, *Uma casa na escuridão*

Introdução

Frase incompleta e discurso relatado

A epígrafe literária, nos limites em que ficou, tem aspetos de importância relativamente à escrita contemporânea portuguesa no que pode atestar do português falado atualmente. Os dois primeiros permitem abordar o final – relativo a frases incompletas, percebendo as convenções (ou a sua ausência, ou inversão). Assim, a citação escolhida é da variedade europeia atual do português e, no discurso aí relatado, começa por ilustrar, numa primeira fala, um agramatismo, se reduzido à sua regência mais direta, “acreditava as palavras”. Estando numa estrutura clivada, tem descrição a par de outras variáveis sintáticas em mudança, como a gramática já descreve para as relativas cortadoras, designadamente. Na atestação de que o texto literário consta, é uma marca de oralidade. A interação, i.e., o discurso trocado entre personagens, está reproduzido sem as convenções editoriais mais comuns de tal forma que o discurso citado, próprio a um dado interlocutor (na circunstância, o narrador em primeira pessoa) vem sob forma de discurso direto, no que chegou a ficar contemplado como discurso direto livre, para o que a forma de verbo introdutor nem mesmo constaria, cuja vigência é uma inovação da segunda metade do séc. XX, também na literatura portuguesa.

O verbo “dizer” surge ao final do excerto, de novo, como limite do discurso do narrador, no que apreende da voz de outra personagem, que é exterior, portanto, cujo comportamento linguístico é observável, não previsto, de todo infundido a partir da sua instância narrativa – de modo que o discurso indireto livre não poderia aqui estar em exemplificação, pelo que as vozes mais livremente ouvidas são inequivocamente as das personagens, cuja fala é ‘transcrita’. Quando o índice verbal de voz narrativa é franqueado, o verbo de dizer, em terceira pessoa, nova voz deve ser percebida: a que produz uma oração condicional de que a principal fica omissa. Logo, a estratégia que o romancista aciona para reproduzir a oralidade é uma convenção própria, no que ainda é suscetível de ser entendida, mau grado a inovação. Esta não inibe a reconstituição de um tom ascendente-descendente final, plausível como dramatização ulterior da dita frase incompleta.

Notação de interrupção e discurso

O que é possível reconstituir a partir da escrita é o primeiro dado em revisão da oralidade, como se obteve nas entrevistas sociolinguísticas do Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense (PSFB). Este trabalho descreve frases incompletas, cujo termo adotado a partir da notação HIAT é o de *interrupção*. Distingue-a de *reformulação*, com outra notação convencional.

A comunicação discute os dois fenómenos à luz da natureza dialogal desta interação que, conquanto sendo de papéis atribuídos previamente de modo bastante assimétrico (entrevistado/informante e entrevistadora), supõe a inversão de interlocutores de tal modo que há que acolher noções teóricas de sociolinguística interacional. Estas são as que permitem reavaliar dados gramaticais do *corpus*, pois são avançados exemplos que apenas são gramaticais se o investigador tomar em conta o verbalizado, conjuntamente, por ambos os intervenientes. Como esperado, o limite oracional e de frase é ultrapassado nesta co-construção dialogal.

A microsociologia de E. Goffman é o quadro teórico em que as noções de *face* foram enunciadas. A face positiva ficou instituída como sendo a de qualquer falante na interação. Pelo conceito, como parte do trabalho de figuração, há um *valor social positivo* de que, no cômputo das entrevistas e, ainda que não sendo o alvo dos dados de fala a obter, as entrevistadoras também se terão reclamado: “the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact” (p. 222).

O trabalho descritivo interacional não pode prescindir de tais noções, mesmo quando está em causa tão simplesmente tomar um contínuo dialogal longo e segmentar as sequências de modo a validar se estamos perante desarticulações sintáticas ou se os propósitos comunicativos, sendo de configuração de sentido, transigem com as formas, e de que modo. A partir da Análise do Discurso, segue-se a noção de *gramática emergente*, “When grammar is viewed from the perspective of its emergence in conversational texts transcribed from real time spoken interactions, significant differences from sentence-level grammar are apparent” (Hopper, 2012:304), para a descrição de regularidades da língua oral.

Metodologia

Metodologia do projeto de investigação

O Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense (PSFB) transcreveu a fala de entrevistas sociolinguísticas realizadas a informantes selecionados por estratificação de idade e escolaridade.

A notação HIAT foi observada. Aí distinguem-se, pelo modo de frase, enunciados interrompidos, dentre as asserções, perguntas e pedidos. Corresponde a tais enunciados interrompidos o sinal de elipse. Assim, a *interrupção*, também designada de falso começo, ou frase incompleta, ou elipse², pode ser pesquisada a partir das transcrições. Estas, tendo sido realizadas por bolsistas, foram revistas no decurso do projeto.

As entrevistas sociolinguísticas do PSFB são equivalentes a cerca de outras tantas horas de interação em entrevista semiestruturada, de que resultam dados a serem descritos sob a perspectiva do que especificamente caracteriza a oralidade. Para tal, as notações específicas para as *interrupções* de formação de sequência linguística, ou frase, podem indicar ter havido sequências que ficaram sob forma gramatical não convencional.

A bibliografia interacional consagra que há especificidades da comunicação verbal, feitas de *sobreposições*, de *elipses* (também designadas falsos começos/frases incompletas) e de *reformulações* (Kerbrat-Orecchioni, 1980) que aqui se considera traduzirem-se em aparentes desarticulações sintáticas. Donde, fenómenos da natureza dialógica (ou polilógica) do uso de linguagem têm descrição comunicacional, ou também especificamente dita pragmática, sob perspectivas que validam a gramaticalidade de sequências, designadamente aquelas que, sob notação, são interrompidas a dado momento. Por exemplo, as últimas são vistas em função de interrupções eventuais em que as imagens dos interlocutores, ou mesmo elementos paralinguísticos, influem. O fluxo interacional é visto ser determinado, portanto, por sequências formais – haja em vista a extensão, como critério, mas sobretudo, por fenómenos ligados à representação; nocional (cognitiva ou contéudística) e interpessoal (no que há influências etnográficas

2 Muito conscientemente se dá o nome do sinal notacional ao fenómeno: facto é que a omissão de constituintes de frase, a que a elipse gramatical procede, é parte dos fenómenos de interrupção. Estando em causa suprir referência, o antecedente pode ter constado, quer na fala de um quer de outro dos interlocutores. Donde, determinada sequência falada, evento, ou vez, pode vir a fazer economia de uma representação porque ela está disponível na mente dos sujeitos e tê-lo-á mesmo sido disponibilizado em forma significativa, coincidente com palavra ou em estrutura relativamente maior, da ordem da sintaxe, já.

ou sociológicas, que E. Goffman, por exemplo, sistematizou). As últimas podem explicar as primeiras; dimensões do sentido pretendido configurar em estruturas linguísticas perante outrem podem explicar sequências que ficaram interrompidas, que são omissas em determinados elementos linguísticos, que, momentânea e mais restritivamente, poderiam ser classificadas de agramaticais, designadamente elípticas. Não o sendo, ou, tendo sido produzidas, sendo dados reais da fala, i.e., estando instanciadas, o desafio descritivo foi recuperar – no discurso do interlocutor; no antecedente da cadeia discursiva – a plausibilidade da sequência interrompida.

Perante gravações orais como as que o PSFB tem disponíveis, o trabalho descritivo pragmático consistiu, assim, em produzir segmentações no contínuo do discurso, aqui entendido como interação verbal entre entrevistador e informante. Precisamente uma tal análise interacional expande a revisão de transcrição, que teve lugar e atendeu às convenções da notação HIAT. Consequentemente, propõem-se delimitações de sequências em que os fenómenos de gramaticalidade dependem da interação, frequentemente, indistintamente de um qualquer dos interlocutores.

A descrição da gramaticalidade é, portanto, estabelecida pelo investigador no material linguístico que decida recuperar dentro o limite válido das sequências interacionais. Segundo a perspetiva deste trabalho, tal recuperação é nocional, ou semântico-pragmática, que liga as formas de frase a representações, compreendidas aí também as de mecanismos interacionais.

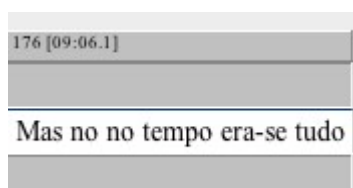
Metodologia da revisão de transcrição

Da audição e validação de transcrição síncronas resultam os dados críticos comentados a seguir em que é da maior importância a segmentação de unidades na fala. Por isso, alguns eventos são longos e vêm abaixo mostrados na segmentação relevante para a análise. Pelo facto, diferentes recortes são apresentados no sentido de argumentar como as reformulações sob convenção de transcrição, em tradução de *repair*, são detetadas a um nível empírico de unidades mínimas, que diríamos parecido a uma disfluência, como gaguez. Acontece que tais unidades minimamente extensas podem coincidir com palavras da língua, donde, terem sido registadas sob a ortografia da língua. Já quando as tomadas de vez se sucedem e acontece parecer falar um qualquer

elemento na codificação espontânea em curso a elipse vem marcada, como notação da interrupção (aborted utterance). Ora, como a interação redonda em que os enunciados podem ser co-construídos, várias das sequências mais extensas de alternância de turno entre entrevistadora e informante devem ser redefinidas, nos seus limites. Tal análise recupera referentes. Daí que seja muito duvidoso que não esteja também em causa uma elipse, de natureza contextual, especificamente dialogal. Assim, muitas notações ter-se-ão atido a limites oracionais, o que não se coaduna com a natureza dinâmica da fala.

Descrição de resultados críticos de fenómenos de interrupção

Os dados linguísticos obtidos junto do informante dão sequências cuja gramaticalidade é indisputada, sendo, portanto, de natureza morfossintática, como a conjugação assistemática relativamente ao pronome reflexo, “*tinha efetivamente suicidado*” e “*era-se*” em:



176 [09:06.1]
Mas no no tempo era-se tudo

O exemplo está transcrito para que fique evidente como houve aqui a omissão da notação por barra oblíqua, sendo uma ocorrência de reformulação, sob convenção HIAT.

As notações a seguir comentadas são menos inequívocas e levam à proposta de que a análise apenas atenda a interrupções que, no decurso do inventário, serão reanalisadas como reformulações textuais-discursivas, pela sua extensão (v. adiante, a secção de “Discussão”. Indica-se que haverá uma validação interacional da norma da fala, que não a atestação de sequências entre pontos finais (frases) cuja defetividade ateste eventuais omissões de constituintes. Logo, os eventos transcritos serão reduzidos à funcionalidade que tiveram na segmentação mas não serão critério desta. Em análise, tal segmentação é já descrição e não, já, separação aleatória. Mostra-se em

321 [17:01.6]
Como? Convívio dos dragões? Era o vigésimo nono a que eu fui.

como na fala do informante a última sequência é elíptica, o que não vem assinalado pois a notação sob ortografia do português tem no mesmo evento pergunta cujo referente é recuperável para a (auto)resposta formulada.

Donde, há limites da notação, que não tem toda a análise, mesmo respeitante a formas. Inversamente, a notação colocada aplica-se à palavra e não à sua expansão minimamente mais extensa, com determinante. O exemplo abaixo é assistemático na medida em que a repetição do sintagma inicial fica indemne, mas não o acordo da preposição com o artigo entretanto pretendido, que, prefigurado mentalmente, leva à reformulação da preposição em face do que se veio a codificar.

720 [37:13.3]	721 [37:18.2]	722 [37:18.8]
	Era exagerada.	
A rigidez a rigidez de/ da altura ((hesitação))		era exagerada.

O excerto abaixo reproduzido pretende pôr em destaque a disputa acerca de à repetição de advérbio corresponder, como assinalado, uma reformulação. Desde logo, se o seria para o limite direito, não para o esquerdo do “durante” que inicia o evento final. I.e., não é lícito assinalar a redundância típica da oralidade como reformulação, pelo que quando poderia estar a especificar o tempo de namoro e deixa o limite oracional por preencher, teríamos que ter, à direita a notação de elipse. Se há duas ocorrências da mesma classe gramatical, não é, contudo a mesma codificação de sentido a de “durante certo tempo” e “sempre”, como este último vem complementado. Logo, após o segundo “durante”, “sempre” não pode ser tido por reformulativo, o que a análise semântico-pragmática permite distinguir. Não estando assim analisada e o débito tendo sido contínuo, o informante simplesmente se contenta com a informação já antes avançada.

Ora, este é o bom exemplo de um funcionamento interacional, cooperativo da fala pois a máxima griceana da quantidade, ou informatividade, teria sido tida por exaurida.

163 [08:12.3]	164 [08:17.3]
Fui para a tropa, namorámos durante uns tempos/	durante/ sempre por correspondência.

A transcrição seguinte apenas pretende atestar a frase-eco que a entrevistadora produz (linha acima na imagem da pauta notacional da interação), assim ficando exemplo do papel ativo na manutenção de vez, que não se caracteriza apenas por fazer as perguntas do guião. É um alinhamento sem substância, no caso. Na descrição sintática fica frase defetiva (“Que detesta”), o que apenas é facto na segmentação mínima, que não na recuperação, aqui mostrada, da anterior tomada de vez, onde estavam todos os elementos sintáticos, de que a última frase pode, pois, fazer economia.

825 [41:30.4]	826 [41:32.7]	827 [41:33.1]
Eu já ouvi gente dizer que detesta pombas.		Que detesta.
	Porreiro.	

A imagem abaixo permite mostrar a atitude discursiva voluntariosa da entrevistadora. Interessante é que o limite de frase assinalada uma elipse. Contudo o recorte apenas se delimita mais à direita, de modo a ver como o informante retomou a formulação avançada na interação. Donde, na fala deste, o elemento central da predicação estava já disponível. A sua frase começa por figurar uma anáfora pronominal e, de acordo com o registo tem um bordão, elemento lexicalizado, mas vazio de qualquer conteúdo representacional. Porventura, este estará igualmente pelo não dito, por estar disponível, nem mesmo intersubjetivamente mas, enquanto estereótipo.

777 [39:31.7]	778 [39:32.7]
Pois. Acaba por...	Exato.
Não é?	Isso acaba por por me limitar um bocadinho, mas pronto.

É o exemplo abaixo copiado o que permite discutir *ethos* do entrevistador sociolinguista, como na bibliografia clássica, e elicitación. Aí, quer a instrução da entrevistadora fosse a de obter formas vernaculares pelo uso próprio, necessariamente célere, de antecipações, quer a disposição empática o tenha favorecido, a sobreposição à fala do informante resulta em que o próprio se furta a complementar a estrutura dada, fazendo, contudo, menção a estar em vias de codificação e, assim mesmo, ter ouvido e, ato contínuo, produzir uma estrutura mais enfática, a clivada.

Esta é uma hipótese interpretativa *ex post facto* que indica algo inequívoco: o exemplo é uma elipse na fala monologal da entrevistadora e dá o referente retomado no informante. Nesse a forma produzida não é de mero completamento, o que me permitiu enunciar a evidência de os papéis de interlocutor congregarem fala e atenção ao que é falado, ainda, com incremento, ou diferenciação, nas estruturas produzidas.

511 [27:26.9]	512 [27:28.5]
Como as coisas	
Veja como é	como é que são as coisas.

Complementarmente, o recorte seguinte tem a mesma estrutura de sobreposição de falas em que há antecipação pela entrevistadora.

1186 [58:59.1]	1187 [59:00.7*]	1188 [59:02.3]
	Não se sabia.	
a trabalhar sozinho,	a trabalhar como chefe	ainda não se sabia.

Na linha qualitativa do empenho de um entrevistador sociolinguista, o excerto abaixo tem uma alternância paradigmática na flexão que aventar-se-ia estar em perda.

505 [27:10.3]	506 [27:11.3]
	Não
Não. Embora um já tivesse ido. Mas pronto, nos anos em que eu fui	

Por exemplo, a confusão entre flexão verbal no verbo “ir” no presente na 1.^a e 3.^a pessoa foi já notada e poderia tender a ser atribuída a níveis de menor escolaridade, ou da fala regional. O facto de a entrevistadora, logo após o seu informante usar a forma de 1.^a pessoa, produzir a sequência de 3.^a poderia autorizar esta última forma fonética, pois que vinha de ser ouvida, no que poderia funcionar como gatilho sociolinguístico. Assim, exercitando o perfil de entrevistadora contido nas referências bibliográficas clássicas sociolinguísticas, poderia estar em vias de usar e conseqüentemente, autorizar, uma forma variável, eventualmente regional ou espontânea, vernacular, portanto. Como tal, o carácter instruído ou reflexivo do referido desempenho suscitaria a forma, procurando funcionar como menor, ou escassa, monitorização do discurso junto do entrevistado.

A mera contagem de produções – eventualmente desvinculadas do alinhamento ao som – nada diz quanto a eventuais confusões ou convergência paradigmática verbal entre pessoas do singular do verbo “ir”, na flexão no presente. Constar de uma entrevista a forma, não é o bastante para correlacioná-lo a estratificações educacionais ou etárias.

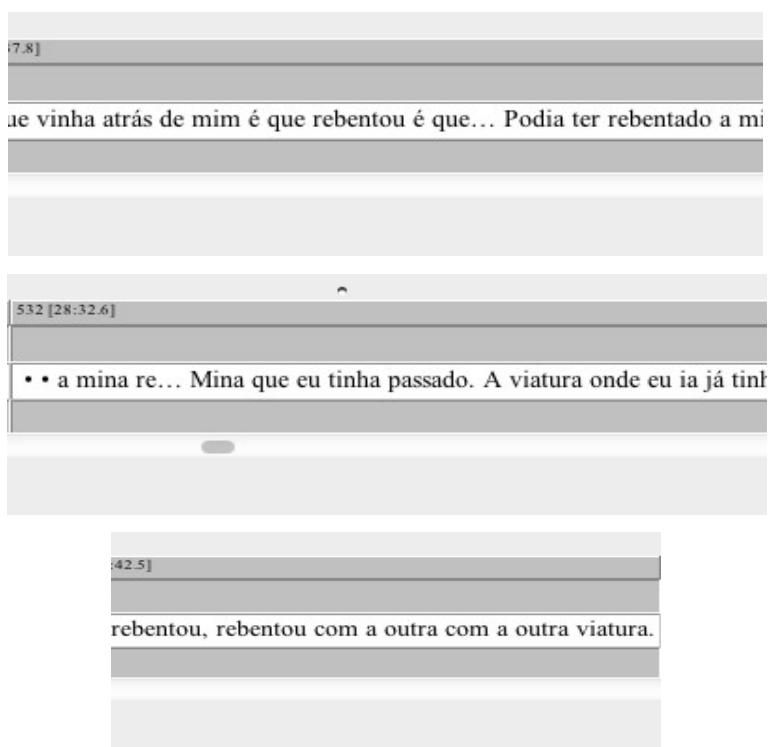
Considere-se uma extensão maior, como abaixo e chegamos a ter interrupção, o que pode ser interpretado como vigilância maior. Contudo, a forma convergente eventual não chega a ser produzida.

505 [27:10.3]	506 [27:14.9]	507 [27:15.4]
	Não foi.	
Não. Embora um já tivesse ido. Mas pronto, nos anos em que eu fui		ele até me encontrar não... Ele também não foi.

Na circunstância, um falante pouco escolarizado não segue a sequência fonética logo antes dita, no que é de avaliar o género entrevista continuar a ser formal e o informante não reduzir a flexão pessoal a uma única forma verbal. A evidência é a de que as propriedades formais gramaticais da língua não são canceladas em favor da eventual homofonia.

São as sequências mais extensas, tidas como crescendo a dificuldade de formular as mais críticas quanto a classificação e análise. Seguidamente começa por reproduzir-se como um limite de evento (aleatório) é transcrito nos limites coincidentes com a frase. A linha seguinte recupera a referência de que, pois, a primeira observa

elipse. Esta segunda linha consta de uma relativa frequente mas não normativa. Antes da repetição lexical está a indicação de interrupção. Contudo, a terceira figura mostra material lexical subsequente que autoriza que se perceba que a sílaba inicial do verbo “rebentar” foi o que o sujeito não completou. Donde, há que fazer notar que a codificação oral em vias de ser feita é uma reformulação discursivo-textual que pede outras segmentações e notações. O informante está a produzir sequências menos gramaticais porque está afetado pelo que diz, na lembrança de situação extrema. Está a repetir sequências, donde a análise deve ficar pelo verbo das predicções em vias de serem formuladas para produzir, a partir dele, a descrição, do que as normas ortográfica e de reformulação atida a um só lexema, que não estruturas mais extensas, se revela improcedente.



Também a definição de fora de jogo constante do final da entrevista é de segmentação extensa.

1137 [56:32.3]	1138 [56:36.5]	1139 [56:40.0]
Pronto. O fora de jogo é quando quando ((hesitação)) não não...	Entre a linha de de baliza	•• e o local da bola

(sob tradução das convenções HIAT respectivas para “aborted utterances” e “repair”) abundantes e, por vezes, relativamente síncronas. Donde, os dados apresentados foram descritos com contributo quer do alinhamento som/fala, pois que a revisão ouviu a gravação enquanto revia a transcrição, quer de bibliografia interacional fundacional.

De ambos – do processo de revisão de gravação e das leituras de referências no domínio interacional – resulta que interrupções não podem ser classificadas independentemente de falantes, donde a descrição da fala não pode ser feita sem princípios pragmáticos. É de ressaltar que a transcrição da fala sob notação é já um primeiro nível de análise, porque segmentar para transcrever e assinalar se há frases incompletas (sob interrupção, portanto) entrecorta analiticamente as falas.

Assim, interrupção e reformulação não são meras notações a convencionar, antes, dependem do fluxo interacional de tal modo que algumas sequências podem ter sido assistematicamente transcritas devido à inobservância das tomadas de vez e do que a sua alternância afeta as formas do discurso.

Os contributos teóricos da microsociologia (Goffman, 1955) e a notação adotada, um primeiro nível da análise, portanto, bem assim como o processo de revisão estabeleceram que a convenção decisiva relativamente à fala e questões de gramaticalidade, tal qual está dependente da co-construção discursiva, diz respeito à interrupção.

Diferente desta é a reformulação, definida como uma correção iniciada pelo próprio falante. Sendo assinalada na fala transcrita com uma barra oblíqua, ficará sempre num dado nível (“trier”) da transcrição. Assim, não poria problemas como os diagnosticados para a interrupção, em que formas orais são gramaticais se recuperarmos determinada porção, ou lapso antecedente, do discurso, indistintamente de um qualquer dos interlocutores. Ambos os fenómenos são frequentes e caracterizadores da oralidade, donde a sua descrição importa num projeto que visa descrever a fala de modo empírico, pela amostra de falantes bracarenses escalonados em idade e escolaridade.

Interrupções e reformulações são típicos da fala. Se o texto oral se caracteriza relativamente ao texto escrito como sendo feito de sequências fonéticas que dão expressão a formas mais ou menos espontâneas – pelo menos de uma codificação feita em tempo real, sem a planificação que a escrita pode ter, à que podem suceder versões trabalhadas e sucessivas, de que podemos não ter vestígios, aquele dá à descrição os dados reais de sequencialização discursiva suscetíveis de serem relacionados a condições de produção de natureza cognitiva, como memória. Assim, o texto oral

codificado perante a entrevistadora demonstra como o falante ativa ou seleciona conteúdos. Estes estão ordenados no tempo e em estruturas reais, de forma fónica. A sua representação semiortográfica permite ver como o processo de codificação sob constrangimentos do oral produz em sequências mais ou menos extensas, estruturas gramaticais; eventualmente nas mais extensas, sequências cuja boa formação pode prever preenchimentos lexicais de eventos anteriores ou, mesmo, do interlocutor.

Logo, o critério da extensão das sequências gramaticais produzidas é decisivo para descrever se, ou quando, o falante deixa cair, ou abandona, a sequência que estava em vias de codificar, ou alternativa e diferentemente, *reformula* a expressão.

Reformulação, como termo específico da Linguística do Texto/Discurso, vem de ser usado. Perante a sua homofonia com a notação convencionada e exemplificada dentro das normas de transcrição adotada importa salientar que é, aqui, uma operação de textualização oral, ou sequencialização em que analistas de texto e discurso têm trabalhado e, não já, o termo da notação, que veríamos comumente designar de titubeio. Este pode atingir qualquer ponto da cadeia fónica, assim dizendo respeito, designadamente, à dicção imperfeita, percebida e logo corrigida. Como tal, é significativamente diferente daquela outra operação de codificação e recodificação que se permite subverter – ou apenas adiar – a sintaxe, no sentido de estar comprometida com a exposição de conteúdos, feitos saber a, e conformados perante, outrem. Não raro, com a atitude linguisticamente voluntariosa do interlocutor, na medida em que partilha e participa da construção de referência.

Pensando teoricamente o processo de codificação real e instantâneo na fala relativamente ao critério de extensão, esperaríamos que sequências mais longas tendessem a ser mais interrompidas enquanto a forma fonética poderia sofrer correção independentemente da extensão. Se a interrupção pode, portanto, dizer respeito a alguma dificuldade em manter uma sequência gramatical quando ela esteja longa, impõe-se a noção de reformulação textual-discursiva, caso em que deixa de ser independente da extensão. Caso, também – o que fica para tratar noutra local – em que a observação segundo a qual não reformularíamos para dizer a mesma coisa, como princípio dos estudos textuais-discursivos, é a mais adequada à sucessão de formas em que a operação de reformulação incorre.

A descrição interacional aqui empreendida influi neste ponto no sentido de estabelecer que as sequências materiais, cuja extensão e gramaticalidade são recortadas, podem depender do que lexicalizam locutor ou alocutário, em observância material, ou

formal, do princípio de que sujeitos envolvidos em dada comunicação partilham dados contextuais que podem fazer não linearizar, num dado limite, bem como suprir linearizações uns a outros. Neste último caso, a sintaxe é uma resultante do desempenho a todo o momento acertado entre ambos.

Posto que ficou estabelecido como o critério de extensão é preditivo quanto a interrupções, ou falsos começos ele foi observado na fala do entrevistado, sendo colocados os exemplos que demonstram a manutenção de tópico discursivo em sequências longas, entrecortadas e com preenchimento lexical pela entrevistadora, inclusive.

Conclusão

Um elemento sintático não ter realização é descrito gramaticalmente como elipse. Estudos descritivos gramaticais formais consideram já tal omissão no par pergunta/resposta, i.e., dizendo respeito à interação discursiva, por via da exemplificação que dão. Esta conceção de elipse, disponível na bibliografia específica, é essencial para o corpus de entrevistas que o PSFB constitui.

O enquadramento epistemológico – sociolinguístico interacional – é requerido pelo que os dados evidenciam: preenchimento lexical pela entrevistadora e extensão com manutenção de tópico. De facto, os dados revistos apontam para um traço da comunicação que é o de um dado interlocutor preencher ou antecipar as sequências de tal forma que completa as frases. Apontam também para tarefas, como definição, cuja formulação surge no tempo limite de discurso, ainda relativamente monitorizado, mas, previsivelmente em grau menor. Nesse ponto, os dados linguísticos atingem questões centrais à codificação em tempo real, a descrição dos quais tem que ser semântico-pragmática. Donde, primeiro, resulta que o enunciado, delimitado pelo analista, pode ser uma sequência cuja gramaticalidade ficou assegurada pela prossecução de vez entre os interlocutores e, segundo, que enunciados extensos e sociocognitivamente árdus têm que ser objeto de disciplinas do texto/discurso.

A entrevista sociolinguística visava elicitar dados junto do informante com respeito a determinados assuntos e também relativos à sua fala espontânea, se possível baixando o nível de vigilância, ou consciência, do sujeito falante.

Tal trabalho de visar obter dados vernaculares bracarenses na entrevista e comportamento linguístico de informante masculino de 60 anos com baixa escolaridade ressalta um papel ativo da entrevistadora, com respeito ao seu próprio desempenho comunicacional. Um estudo quantitativo de itens, se apenas depreendidos na sua natureza morfossintática, pode iludir características fundamentais dos mecanismos interacionais aqui levantados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bayley, R. & Lucas (Eds.). 2007. *Sociolinguistic Variation: theories, methods, and applications*. Cambridge, CUP.

Downes, W. 1998(1984). *Language and Society*. Cambridge, CUP.

Eckert, P. & Rickford, J. R. (Eds.). 2001. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: CUP.

Goffman, E. 1955. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes*.

Kerbrat-Orecchionni, C. 1980. *L'Énonciation*. Paris: Armand Colin.

Watts, R. J. 2003. *Politeness*. Cambridge: C.U.P.

